

Formação na educação básica

Como enfrentar os dilemas do mundo do trabalho?

Fátima Regina Bergonsi Debald¹

RESUMO: A temática educação básica e sua relação com o mundo do trabalho merece reflexões, pois o contexto envolve a formação de adolescentes e jovens que anualmente ingressam no mercado de trabalho sem condições para enfrentar a competitividade e as exigências em condições de igualdade. Apresenta-se uma discussão que tem como suporte teórico autores que pesquisam a educação básica e o trabalho, tentando (re)significar alguns elementos presentes neste debate. Aproveitou-se também para analisar os componentes que fazem parte desta realidade – escola, professor e sociedade, – pois se entende que não podem estar dissociados deste contexto de investigação. Apresentou-se algumas perspectivas a título de considerações finais, destacando a importância do papel do professor – que deve continuar investindo na sua formação; do Estado – como investidor de recursos para melhorar o apoio didático-pedagógico; e da escola – voltada para uma formação que contemple a vivência prática dos conhecimentos teóricos, fornecendo experiência. Finalmente, os jovens e adolescentes estarão preparados para enfrentar as dificuldades da concorrência no mercado de trabalho, quando a escola lhes ensinar que o básico é ser criativo, inventivo e ousado.

PALAVRAS-CHAVE: educação básica; trabalho; professor; escola; sociedade.

¹ Mestre em Educação, coordenadora e professora do curso de Pedagogia da Faculdade União das Américas – Uniamérica. E-mail: fatima@uniamerica.br

INTRODUÇÃO

O ponto de partida deste trabalho é fazer uma reflexão sobre como a educação básica prepara o aluno para o mundo do trabalho nos estabelecimentos de ensino, a partir de constatações de que existe uma crise nos diferentes níveis da educação. Num primeiro momento pretende-se analisar a relação existente entre trabalho e educação na contemporaneidade, apresentando algumas reflexões e elementos que possam ser questionados sobre a necessidade da educação para a vida e para o trabalho. Num segundo momento, discutiremos as dificuldades/problemas presentes na realidade cotidiana da educação básica e o porquê desta não ter um papel decisivo na formação e preparação para o trabalho.

1. A EDUCAÇÃO BÁSICA E O TRABALHO

A educação básica que é praticada nos estabelecimentos de ensino está distante de preparar para o trabalho. É muito mais um conjunto de conteúdos trabalhados desconexos e sem utilidade do que o pensar em uma educação que prepare o adolescente para enfrentar os dilemas do trabalho. A falta de conhecimentos básicos, de iniciativa e criatividade contribuem para a desqualificação do jovem trabalhador. Para Streck (1996, p. 61),

(...) o básico na educação é a construção do sujeito político, capaz de transformar o mundo em que vive. O conhecimento é importante na medida em que serve de instrumento para esta sua ação.

Se a escola está, de fato, interessada em formar sujeitos capazes de transformar o mundo, então deve ter presente a realidade na qual o aluno vive e atua, do contrário será um oásis, uma ilha, sem um referencial objetivo. É relevante apresentar a definição de educação neste sentido, conforme Ferreira (1986, p. 619):

Educação é o ato ou efeito de educar. É um processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando a sua melhor integração individual e social: educação da juventude, educação de adulto.

Kreutz (1996), por sua vez, entende a educação básica como parte das complexas relações que vão se estabelecendo no dia-a-dia da sociedade humana. Juntando ambas as definições, pode-se afirmar que uma das finalidades da educação é orientar o sujeito para que saiba lidar com os desafios do cotidiano. Neste sentido é pertinente a afirmação de Kuenzer (1992, p. 101), quanto à função da escola para o trabalhador, aparecendo como “um espaço para o estabelecimento de relações educacionais, sociais e culturais que não estão disponíveis para os trabalhadores na sociedade da forma como se apresentam para a burguesia”.

Definidos educação, o “básico” e a função da escola, a conceituação de trabalho é *a criação contínua e progressiva duma força natural, e o resultado dessa ação*, é então estabelecer relações de trabalho. O Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986, p. 570) tem a definição que melhor cabe neste trabalho, pois conceitua o trabalho como uma

aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim: O trabalho permite ao homem ter certo domínio sobre a natureza. Atividade coordenada, de caráter físico ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento: trabalho especializado; trabalho de responsabilidade. Atividade humana realizada ou não com o auxílio de máquinas e destinada à produção de bens e serviços. Atividade que se destina ao aprimoramento ou ao treinamento físico, artístico, intelectual, etc.

Portanto, a educação básica deveria auxiliar o jovem e o adolescente, abrindo-lhe possibilidades para intervir socialmente no meio em que vive, alcançando deste modo a realização profissional e pessoal, através do trabalho. Para Kuenzer (2001, p. 1) existe uma dupla face do trabalho, não como uma forma de definição, mas muito mais como uma caracterização, podendo ser concebido de duas maneiras:

a partir de suas características mais gerais, que independem do modo de produção de mercadorias, e que portanto são intrínsecas à sua natureza, ou a partir das formas históricas que vai assumindo, de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, a partir da forma concreta que assume em um determinado modo de produzir mercadorias.

Tendo presente esta realidade distinta do mundo do trabalho, a escola básica precisa compreender melhor sua função de formadora e investir numa educação que auxilie o jovem a não se adaptar ao sistema capitalista, mas, principalmente, ensinar como sobreviver numa sociedade com tanta exploração e desigualdade.

O período industrial foi ultrapassado pela era da informação. O trabalho que a escola desenvolvia nas décadas passadas, hoje é substituído pelas máquinas informatizadas. Desta forma, a escola precisa se adaptar para não repassar somente o ensino fragmentado. Precisa passar por uma visão frente à estrutura curricular. Passa-se de um sistema em que as disciplinas eram fragmentadas e centradas em conteúdos, para a interdisciplinaridade e transversalidade, criando módulos e eixos temáticos, na qual as disciplinas e os professores se percebem articulados.

2. O PROCESSO FORMATIVO NA ESCOLA BÁSICA

A pedagogia adotada pela escola ainda não está em condições de assessorar e auxiliar o aluno para enfrentar a vida do trabalho, pois este estuda para a vida e não para ficar em quatro paredes. A preocupação atual é preparar o aluno para o vestibular, esquecendo-se do mais importante: a educação para a vida e como encarar a sobrevivência. A escola deveria preocupar-se ou debruçar-se sobre quais são as condições exigidas pelo mercado e introduzir no processo formativo elementos que possam servir de base teórica e prática para amenizar o impacto ao qual está exposto o aluno concludente do Ensino Médio ao iniciar a luta por um posto de trabalho. Assim, despertaria no aluno o interesse pelos conteúdos na medida em que explicaria onde e quando sua aplicação ocorre na

prática, tornando o conhecimento mais concreto e associado à vida e ao mundo do trabalho.

De acordo com Kuenzer (1998, p. 35)

A pedagogia do trabalho taylorista/fordista foi dando origem, historicamente, a uma pedagogia escolar centrada nos conteúdos, ora nas atividades, mas nunca comprometida com o estabelecimento de uma relação entre o aluno e o conhecimento que verdadeiramente integrasse os conteúdos e métodos, de modo a proporcionar o domínio intelectual das práticas sociais.

Percebe-se que os responsáveis pela educação preocupam-se em passar o conteúdo programático dos livros didáticos tais e quais estão escritos, sem alterar absolutamente nada. Ao analisar os livros didáticos, verifica-se que a maioria dos livros apresenta uma face da realidade, não falsa, mas pouco representativa para a maioria dos alunos, pois não representam valores e culturas das classes dominadas, representando somente verdades e valores da elite dominante. Conforme Snyders (2003) há uma nítida intenção da elite dominante em manipular os grupos sociais empobrecidos e persuadí-los a acreditar que o mundo moderno é um mundo de liberdade em que as probabilidades são iguais para todos. É necessário não se dizer nada sobre os mecanismos de exploração e de antagonismo entre as classes sociais, pois tal atitude apresentaria a verdadeira face – a de que um grupo minoritário tem o domínio da sociedade.

Neste sentido, percebe-se o quanto as classes mais empobrecidas são desfavorecidas, uma vez que a educação deveria ensinar todos de forma igual sem considerar as diferenças. Contudo, é premente um currículo atualizado com fornecimento sistemático de um novo material de suporte pedagógico e que contemple os anseios e necessidades da escola pública. Para Saviani (1991, p. 49) qualquer trabalho só terá sucesso a partir de um ponto fundamental que é “a tomada de consciência pelo professor, da natureza das mudanças e concepções trazidas pelo Currículo Básico para a prática escolar docente e escolar e sua aplicação em sala de aula”.

Nesta linha de pensamento, Mello (2002, p. 4) analisam o papel da escola e dos professores frente às várias mudanças que estão ocorrendo na sociedade brasileira e afirmam que a preparação e o desempenho das instituições de ensino e dos profissionais da educação se ligam a dois fatores básicos:

ao novo perfil que a escola e os professores devem assumir para entender as demandas do mundo contemporâneo – a questão tecnológica, os modelos de ensino (...) a expansão do número de matrículas no ensino fundamental – e os avanços no sentido de universalizar o acesso ao ensino obrigatório, transformam significativamente as expectativas educacionais.

Assim, pode-se afirmar que os professores são elementos essenciais na realização da construção e atualização das escolas, no atendimento das necessidades de alunos com interesses diversos, os quais consideram que a escola não tem razão de ser, uma vez que sempre viveram marginalizados quanto ao processo social. Desta forma é pertinente a afirmação de Rios (2001, p. 47) quanto à missão da escola e o ensino que oferece, uma vez que considera como ensino competente, aquele que tem qualidade.

Há urgência de mudanças na educação básica, pois os educadores e a sociedade precisam ter consciência da necessidade de ter pessoas com conhecimentos científicos e sólidos. Segundo Santos (1999, p. 63), “a ciência moderna, em alguns aspectos da atualidade, afirma que o conhecimento científico de ponta está mais relacionado com a desordem, a incerteza e a incoerência”. Percebe-se que os alunos possuem o saber acabado e pronto, sendo que não se questiona como, por que e de que forma acontecem as transformações, e estes por sua vez possuem a visão de que a ciência não muda, além de não conseguir distinguir o senso comum do saber científico.

Desta forma, o dispositivo pedagógico regula a distribuição, o pensável e o impensável. O professor da escola básica acaba trabalhando somente de forma pensável e o aluno recebe o conteúdo pronto de forma acabado, sem problematização, sem formular hipóteses, sem reflexão crítica. Para a ciência

moderna é possível contestá-la, também possível de transformação, de acordo com novos experimentos, leis e teorias, é vista hoje como incerta, incoerente, e com caos, sempre possível para novas descobertas científicas. Portanto, verifica-se que a educação básica hoje trabalha a transmissão do conteúdo e com a reprodução do conhecimento. Enquanto no ensino universitário o aluno percebe a diferença entre a ciência pronta, acabada, para o inconcluso e em processo de transformação.

Segundo Bernstein, (1996, p. 65)

a educação obrigatória, a educação básica trabalhada no campo da reprodução do conhecimento, no terreno do *pensável*, ficando para os níveis mais altos de escolarização a possibilidade de acesso à produção de conhecimento, o acesso ao *impensável*.

Cabe discutir as transformações que vem acontecendo no mercado de trabalho, a partir do desenvolvimento das novas tecnologias da informação e comunicação e de como essas transformações afetam o mundo. Aqui cabe ressaltar quando a escolha deixa a desejar, a forma como o aluno da escola básica está construindo este conhecimento, com o perfil voltado ao trabalho. Conforme Kuenzer (1998, p. 33)

é um desafio da escola enfrentar a realidade para as novas formas de controle e criar novos comportamentos que fortaleçam o coletivo é um desafio que se impõe, se mantida a concepção de uma escola regida pela utopia da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Neste contexto a escola atual precisa adaptar-se para este desafio, pois se percebe que o trabalho individual é predominante, enquanto que o trabalho em grupo e equipe é restrito em alguns estabelecimentos de ensino, nos quais se trabalha a tendência pedagógica progressista ou histórico-crítica. De acordo com Kuenzer (1998, p.39), “o cidadão/trabalhador intelectualmente, deve ser capaz de utilizar-se do conhecimento científico e tecnológico de modo articulado para resolver os problemas da prática social e produtiva”.

Nas atuais condições sócio-econômicas, políticas e culturais, as novas tendências pedagógicas exigem ampliação e democratização da educação básica, bem como proporcionar condições para que os alunos sejam autônomos, com participação efetiva no desenvolvimento das aulas e saibam trabalhar em equipe.

3. EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS/DILEMAS E O MUNDO DO TRABALHO

Uma empresa que deseja prosperar necessita de funcionários eficientes e que saibam resolver problemas e, principalmente, consigam trabalhar em equipe e lidar com pessoas. Contudo, não se aprende repentinamente a trabalhar em equipe. O mercado de trabalho aponta a escola como suporte para estas práticas. Portanto, a escola deve ter clareza na forma como vai orientar seus alunos. Aqui cabe destacar a opinião de Gandin (2001) quanto à importância que os conteúdos assumem na dimensão formativa e a forma como devem ser trabalhados pelos professores. Os conteúdos que o grupo ou instituição são capazes de conceber e operacionalizar devem contemplar o conjunto de opções e de valores envolvidos na realidade vivenciada pelos alunos, assim como a dialética entre o horizonte, o aqui e o agora.

Através dos conteúdos trabalhados em sala de aula, com metodologias diversificadas, é possível fazer com que o aluno participe do processo ensino-aprendizagem, questionando, investigando e criticando. Mas para isso acontecer o professor deve proporcionar estes momentos. Para os professores tradicionais² deve-se ter curso de aperfeiçoamento e atualização. Atualmente a educação deverá voltar-se para a autonomia, a ética, para a

² Tradicional significa o mestre-escola será o artífice de transmitir o conhecimento. A escola se organiza como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma sequência lógica, o oceano cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos. Ver: SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: polêmicas do nosso tempo**. 32. ed. São Paulo: Autores Associados, 2000. p. 36

valorização da diversidade cultural, para a construção da identidade. Conforme Ramos (2004), os métodos devem favorecer a correspondências dos conteúdos com os interesses dos alunos.

Já para Nóvoa (1995, p. 38),

é preciso que os professores adquiram maior poder político, no sentido lato do termo, o que implica a invenção de modalidades associativas que ultrapassam as formas (...) é necessário que construam lugares de partilha e de reflexão coletiva, particularmente no seio das escolas, que dêem corpo e dinâmicas de auto-formação participativas.

Desta forma, os professores podem contribuir para o início do processo profissional dos alunos da escola básica, oportunizando-lhes autoconfiança, auto-estima, visão, objetividade, comprometimento e contribuindo para a mudança de paradigma, passando do tradicional para o emergente do conhecimento. Todo estudante pode ser um cientista iniciante deste que bem trabalhado pelo seu professor. Concordando com este pensamento, Morim (2000, p. 86) afirma que “o conhecimento é a navegação em um oceano de incerteza entre arquipélago de certeza”.

A escola tem um papel muito importante na atual situação que estamos vivendo. Conforme Vasconcellos (2003), a escola precisa ter objetivos políticos e um projeto claro de formação para a cidadania. Há necessidade de despertar o aluno para a indispensável mudança que deve ocorrer. Não se trata de estudar simplesmente para poder garantir um lugar no bonde da história, mas para ajudar a mudar o rumo deste bonde, ou seja, ajudar a construir uma sociedade onde haja lugar para todos.

Desta forma, precisa-se construir um sentido para o estudo, desde cedo. Para isso deve-se articular a compreensão, usufruir o que a humanidade construiu, preservando e transformando este mundo, colocando o conhecimento adquirido na escola a serviço da construção de uma realidade melhor, mais justa e mais solidária. Segundo Gandin (2001), estamos num momento de julgamento de decisão, de opções, de retomada, de

reencaminhamentos de nossas vidas, enquanto povo e humanidade. A grande conquista do século XXI será a participação.

Para tanto, deve-se orientar o aluno da escola básica para ser interativo, criativo e, sobretudo, saber viver em sociedade trabalhando em equipe. De acordo com Moscovici (1999, p. 5)

um grupo transforma-se em equipe quando passa a prestar atenção à sua própria forma de operar e procurar resolver os problemas que afetam seu funcionamento. Esse processo de auto-exame e avaliação é contínuo, em ciclos recorrentes de percepção dos fatos, diagnose, planejamento de ação, prática/implementação, resolução de problemas e avaliação.

Assim, pode-se afirmar que a educação básica e sua relação com o mundo do trabalho vivem um dilema crucial, uma vez que a preocupação central do ensino é atender a demanda das elites dominantes. E para mudar este contexto desanimador, é preciso investir na formação contínua dos professores – com condições de tempo e horários e melhorias na remuneração – para que o profissional da educação não necessite trabalhar 60 horas/aula, sem ter descanso e aumentar os investimentos em infra-estrutura, material de apoio, assim como oportunizar orientação técnica. Mas de nada adianta o Estado, as Secretarias oferecerem estas melhorias se, por outro lado, os professores não aderirem e não estiverem dispostos a melhorar sua prática pedagógica. Esta realidade é refletida na educação básica que não consegue oferecer um ensino de qualidade, conseqüentemente o aluno sai despreparado para enfrentar a competitividade do mundo do trabalho.

CONCLUSÃO

A atual realidade do ensino brasileiro é um reflexo de várias décadas em que não houve investimentos adequados, comparados ao crescimento da população. Soma-se a este contexto a falta de uma política que dê prioridade à educação, destinando verbas concretas para serem aplicadas na melhoria e qualidade do

ensino público. Além disso, o professor deve ter consciência de que precisa assumir seu papel de formador e não meramente reproduzir, repassar, transmitir um conhecimento que adquiriu (construiu, produziu) na sua formação inicial.

Finalmente, os jovens e adolescentes precisam desenvolver habilidades na educação básica para adquirir conhecimentos novos o tempo todo, aprender a aprender. Desta forma, quando a escola lhes ensinar que o básico é ser criativo, crítico, reflexivo, inventivo e ousado, o aluno terá mais possibilidade de enfrentar o mercado de trabalho. E também, quando as escolas ensinarem que a educação básica é mais prática do que teórica e que mais importante do que a quantidade é a qualidade do que é ensinado. Na medida em que o ensino for mais investigativo, mais problematizado, haverá possibilidade concreta de transformação. E a sociedade perceberá que a educação básica forma sujeitos capazes e em condições de competir no mundo do trabalho em condições de igualdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico: classes, código e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FERREIRA, A. B. de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

KREUTZ, Lúcio. Educação básica: um olhar sob a perspectiva histórica. In: STRECK, Danilo. (Org.). **Educação básica e o básico na educação**. Porto Alegre: Sulinas/Unisinos, 1996.

KUENZER, A. Z. As mudanças no trabalho e a Educação: novos desafios para a gestão. In: FERREIRA, N. **Gestão democrática na Educação: atuais tendências, novos desafios**. São Paulo: Cortez, 1998.

KUENZER, A. Z. **Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores e montadores de automóveis se encontram, no sofrimento do trabalho**. Curitiba: UFPR, 2001.

KUENZER, A.Z. **Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MELLO, G. Namo de; REGO, T. C. **A formação de professores na América Latina e Caribe: a busca por inovação e eficiência.** CONFERÊNCIA INTERNACIONAL: DESEMPENHO DE PROFESSORES NA AMÉRICA LATINA, TEMPO DE NOVAS PRIORIDADES. Brasília, 2002.

MORIM, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

MOSCOVICI, Fela. **Equipes dão certo.** 2. ed. São Paulo: José Olympio, 1999.

NÓVOA, A. **Profissão professor.** Lisboa: Porto, 1995.

RAMOS, Paulo e RAMOS, M. M. **Metodologia do ensino e do trabalho acadêmico.** Blumenau-SC: Odorizzi, 2004.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade.** São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, L. de C. P. Saberes escolares e o mundo do trabalho. In: FERRETI, E. et al. **Trabalho, formação e currículo.** São Paulo: Xamã, 1999.

SAVIANI, Dermeval. Competência Política e compromisso técnico ou o pomo da discórdia e o fruto proibido. In: **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: polêmicas do nosso tempo.** 32.ed. São Paulo: Autores Associados, 2000.

SNYDERS 1978. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Repensando a didática.** 20.ed. Campinas-SP: Papirus, 2003.

STRECK, Danilo. O básico na educação: mapas novos para um novo tempo? In: STRECK, Danilo (Org.). **Educação básica e o básico na educação.** Porto Alegre: Sulinas/Unisinos, 1996.

VASCONCELLOS, Celso A. **Para onde vai o professor?: resgate do professor como sujeito de transformação.** 10. ed. São Paulo: Libertad, 2003.